

## 5 Conclusão

Ao longo deste trabalho tentamos explicitar quais seriam os elementos responsáveis pela constituição do campo do consumo tal como ele hoje se apresenta, em suas variáveis históricas e sociológicas e suas respectivas conseqüências subjetivas. Assim, orientamos nosso esforço de análise na direção de uma discussão acerca da presença, já em torno do século XVII, de elementos históricos que em alguma medida anteciparam os primeiros movimentos rumo à constituição de um campo de práticas em alguma medida identificadas com a prática consumista contemporânea. Não ignoramos, entretanto, a vinculação, por conta de vicissitudes históricas tal como a ética protestante, a padrões de religiosidade e de conduta social baseados na contenção individual e no respeito a normas de comportamento cuja origem estaria num ideal de ascese individual e coletiva. Além disso, consideramos o fenômeno do consumo como um todo complexo onde se articulam tendências sociais, culturais e psíquicas que se confundem com a própria história do Ocidente nos últimos três séculos.

Não teria sido possível, dessa forma, abordar tal fenômeno sem que fôssemos à produção historiográfica sobre a Modernidade, para dela extrair os elementos que respaldaram a defesa de nosso ponto de vista. Podemos dizer o mesmo em relação à sociologia, e à contribuição americana que se situa numa espécie de entreposto entre os ambos os campos da História e da pesquisa sociológica, cuja exposição esteve baseada nos pontos de vista de Christopher Lasch e de Sennett através de obras onde se listam as transformações culturais e psicossociológicas ocorridas ao longo dos séculos XIX e XX.

A amarração necessária ao nosso esforço de análise só foi possível, entretanto, graças ao uso fecundo que fizemos das categorias psicanalíticas, as quais nos possibilitaram aferir quais fenômenos psíquicos que por sua natureza e estrutura acabaram viabilizando uma estimulação sócio-cultural suficientemente competente para realizar a tarefa de "captura" das subjetividades algo fragilizadas num mundo movido pela informação, pela velocidade de todos os processos sociais e pela virtualização de todos os seus elementos.

Nossa abordagem se inicia com um capítulo histórico onde se objetivou o resgate das condições de emergência do fenômeno do consumo. Nossa principal fonte, aí, foi o texto clássico de Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, trabalho de

maior vulto do sociólogo austríaco, voltado à análise das relações de um fenômeno por ele denominado de ascetismo laico. De acordo com a análise do autor, este teria sido o fenômeno responsável por alavancar o desenvolvimento das forças de produção capitalistas, ao atuar sobre um universo de prazeres mundanos de forma essencialmente restritiva. As principais premissas dessa *Weltanschauung* protestante voltaram-se, assim, para uma constrição forçada do comportamento individual em nome de um ideal de salvação. Tal doutrina acabou estimulando, entretanto, através da promoção de certas práticas culturais segundo ela úteis ao desenvolvimento de uma sociedade mais fraterna, a aquisição sistemática de todo tipo de bem associado ao desenvolvimento sócio-cultural. Enxergamos em tais práticas o prenúncio inequívoco do amplo estímulo ao impulso de aquisição hoje existente.

Numa outra visão sugerida no mesmo capítulo, enfocamos a contribuição de Michel Foucault quanto aos modos de funcionamento da sociedade disciplinar e as formas de subjetivação por ela engendradas. A escolha por esta referência é produto de nossa constatação da originalidade do ponto de vista foucaultiano, o qual, ao enxergar na constituição das múltiplas individualidades muito mais uma ocorrência de superfície do que o substrato de uma grande transformação das estruturas sociais no alvorecer da Modernidade, lançou nova luz sobre as tendências individualistas surgidas no período, sem lhe subtrair importância, mas sim reposicionando-as de maneira mais precisa em relação às práticas de poder vigentes naquele instante.

Apesar de sua visão diferenciada acerca do fenômeno da individualização, Foucault também conseguiu mostrar-se especialmente útil no campo de análise acerca das práticas de consumo, mediante uma associação pontual - mas nem por isso menos importante - entre o campo de práticas que o consumo representa e as práticas de poder contemporâneas, utilizando-se para tanto da discussão sobre o papel do corpo desde a Modernidade, campo onde Foucault mostrou-se especialmente profícuo quanto às conseqüências subjetivas e aos arranjos de poder por ele sugeridos.

O capítulo seguinte é, talvez, o que poderia ser reputado como estratégico em todo o trabalho, já que detém a função de explicitar, na medida do possível, os principais mecanismos de ação da sociedade de consumo, descrevendo suas formas de atuação e os objetivos a que os mesmos serviriam. Nele, encontra-se exposta parte dos artifícios por nós

considerados indispensáveis à manutenção da centralidade detida pelo consumo, nos processos de institucionalização hoje vigentes. No mesmo capítulo ainda estão presentes articulações menos óbvias onde buscamos expor o papel da TV ou das práticas sociais de forma geral na mobilização das potencialidades perceptivas do indivíduo contemporâneo, revelando o tipo de ação que elementos menos visíveis, presentes em certas estratégias de consumo desempenham em todo este processo. Finalmente, buscamos também neste capítulo trazer elementos mais gerais acerca do panorama social, cultural e econômico contemporâneo. Para tanto, nos beneficiamos das contribuições de Christopher Lasch e de Jurandir Freire, utilizados como comentadores de uma contribuição aparentemente inusitada - mas ainda assim indiscutivelmente pertinente - desenvolvida por Weber, ao mencionar ainda no final da obra antes mencionada a emergência de uma época marcada pela existência de tendências utilitárias de caráter quase dogmático, elemento pioneiro da atual realidade cultural.

No último capítulo, dedicado à análise dos fenômenos subjetivos contemporâneos, optamos pelo uso da psicanálise como leitura teórica privilegiada na discussão das principais manifestações subjetivas que a sociedade de consumo induziu. Lá são desenvolvidos pontos de vista tendo por base a questão da estimulação psíquica pelos mecanismos de indução ao consumo mediante a promessa de conquista de uma condição de perfeição. De acordo com a argumentação dos teóricos consultados, o sujeito, em tais circunstâncias, vincularia o desfrute dessa condição de perfeição à "aquisição" de uma felicidade plena garantida pela posse deste ou daquele objeto, desta ou daquela imagem de sucesso. A questão dos ideais em tal discussão é de particular relevância, tanto quanto aquela relativa ao processo de constituição de um primeiro esboço de ego, fenômenos através dos quais pode se dar a captura do sujeito pelas estratégias de indução ao consumo.

Assim, buscamos reunir dados suficientes para gerar uma compreensão de como foram forjadas novas formas de sentir e de pensar que transcenderam à problemática neurótica da modernidade clássica. Esta transcendência denuncia um fato que pretendemos deixar patente ao longo deste trabalho, o de que o sujeito está hoje fortemente desamparado frente aos apelos de adesão a uma lógica de incorporação de imagens de sucesso e de realização pessoal remetida a mecanismos muito primitivos de funcionamento psíquico.

Talvez seja a hora de transformar este estado de coisas minando, como nos for possível, as estruturas de um tipo de organização social que com certeza será, num futuro próximo, apenas uma lembrança esmaecida de uma civilização dedicada ao efêmero.